

HISTÓRIA E CRIATIVIDADE: NOVAS ABORDAGENS A PARTIR DA EXPERIÊNCIA PIBID

Ângelo Emílio da Silva Pessoa¹
Jéssica Hellen dos Santos Araújo²
Paula Tamyres Veríssimo da Silva³

RESUMO

O ponto de partida da seguinte discussão refere-se às novas abordagens didáticas que estão sendo elaboradas e desenvolvidas em sala de aula através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), no qual, temos a possibilidade de observar que o ensino da História, assim como o de outras disciplinas, tem sofrido uma série de percalços que acabam provocando no aluno um distanciamento, implicando diretamente no declínio do processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, temos por finalidade a articulação da criatividade com os processos metodológicos executados no decorrer do ano letivo de 2015, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Olivina Olivia Carneiro da Cunha (João Pessoa-PB), nas turmas correspondentes ao primeiro ano do ensino médio. O presente trabalho visa compartilhar as experiências significativas dentro do âmbito escolar, que foram alcançadas mediante a execução de pequenas alternativas didáticas que envolvessem a criatividade como elemento fundante e qualitativo. A metodologia consistiu em apresentar um seminário criativo com base em alguns temas, como o Renascimento, as Reformas Religiosas e a Expansão Ultramarina, de uma maneira totalmente diferente do que os alunos/as estavam acostumados a lidar. Neste caso, eles apresentaram peças, paródias, jornais e programas de televisão ou qualquer outro método que outrora despertou a criatividade dos grupos. Analisa-se, ao término da atividade, que esta prática metodológica estimulou nos estudantes a construção da própria autonomia criativa mediante um trabalho que poderia ficar restrito apenas ao aspecto formalista da relação ensino-aprendizagem.

Palavras-chaves: Ensino da História, criatividade, PIBID, metodologia.

INTRODUÇÃO

O Ensino da História, assim como o de outras disciplinas, vem sofrendo algumas significativas transformações de caráter metodológico nas últimas décadas, devido à ênfase que tem sido dada a educação no âmbito sócio-escolar. Diferentes abordagens teórico-metodológicas estão sendo construídas levando em consideração as especificidades das relações tanto escolares quanto extra-escolares, assim como aos processos de ensino e aprendizagem. Essas recentes tendências pedagógicas buscam oferecer a gestores, professores e funcionários do setor educacional, novas perspectivas sobre a educação e principalmente sobre a construção do saber do discente, levando ao centro da discussão a expressiva contribuição de práticas educacionais mais construtivas em contraposição ao ensino definido grosso modo como “tradicional”.

¹ Professor Adjunto do Departamento de História da UFPB, Coordenador do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

² Graduanda em História pela Universidade Federal da Paraíba e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

³ Graduanda em História pela Universidade Federal da Paraíba e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

Neste sentido, o presente artigo apresenta uma proposta de ação pedagógica, através da metodologia criativa e atuação do PIBID nas escolas de rede pública e básica de ensino, uma nova forma de abordar o ensino da história, pois compreendemos a criatividade como um processo essencial para o ato de aprender, uma vez que revela o caráter potencial humano de gerar novas ideias a partir de pontos já delimitados em sala de aula, estimulando o desenvolvimento e a reflexão da interação do sujeito com o seu meio sócio-cultural.

NOVAS FORMAS DE ABORDAGEM AO ENSINO DA HISTÓRIA

Novas propostas pedagógicas buscam desenvolver, através de suas especificidades, métodos e técnicas de ensino que possam viabilizar o processo de aprendizagem e produzir expressivos resultados em relação à constituição do conhecimento. Nossa preocupação, no entanto vai estar centralizada na pedagogia construtivista devido aos pressupostos que lhes são pertinentes, como a fomentação do processo de aprendizagem, as implicações metodológicas do trabalho docente, e principalmente o papel que agora é atribuído ao discente na sala de aula. Portanto, configura-se como veículo de transmissão e suporte para metodologias, como a presentemente analisada, que busquem produzir novas experiências em sala de aula através das relações dos discentes com o seu meio, de forma independente e criativa, incitando o desenvolvimento de aulas mais dinâmicas, a aproximação dos educandos com os conteúdos em classe e a percepção dos mesmos com a realidade cotidiana.

A concepção construtivista busca refletir sobre as questões do ensino e da aprendizagem, enfatizando a presença e a postura de dois sujeitos fundamentais para a articulação desse processo e suas respectivas e particulares funções, o professor e o aluno. Através de uma correlação de ideias que, de forma singular, propõe uma reformulação ao trabalho docente e um novo comportamento por parte do educando, o construtivismo procura alcançar uma considerável revisão no que tange à compreensão dos aspectos educacionais da sociedade brasileira. “Ensinar não é transferir conhecimento, mas sim criar as possibilidades para a sua própria produção” (FREIRE, 1996). Dentro dessa perspectiva podem ser desenvolvidos diversos procedimentos metodológicos que visem tanto um aprimoramento da relação do professor em sala de aula com o conhecimento e com seus alunos, quanto à interação do próprio discente com a fomentação de sua autonomia intelectual. Essa transformação de idéias pedagógicas implica na formulação de novas abordagens de ensino que venham despertar no corpo discente o interesse, a curiosidade e o gosto pelo aprender. Foi justamente devido a essas particularidades que resolvemos utilizá-la em nossa metodologia, a fim de promover uma nova experiência em sala de aula que pudesse fomentar todo esse processo já anteriormente citado.

Em relação ao Ensino de História, muitas abordagens estão sendo elaboradas nos mais diversos temas, desde Pré-História, até Idade Moderna e/ou Contemporânea tendo por finalidade o alcance de uma significativa aprendizagem, e a constituição de uma interação do corpo discente com os diferentes processos e períodos históricos produzindo a autonomia intelectual do pensar e compreender o mundo com bases nos pressupostos abordados no processo de ensino aprendizagem.

Dentre essas recentes propostas metodológicas podemos ressaltar a articulação do Ensino da História com a presença da música como fonte de pesquisa e instrumento de interpretação dos aspectos culturais, sociais e históricos; a análise de questões de gênero como elemento de compreensão da presença/postura na qual a figura feminina era compreendida nas mais diversas temporalidades; o desenvolvimento de reflexões

críticas em relação à formação do cenário cultural brasileiro, e até mesmo o incentivo das práticas de leitura através da conexão do Ensino de História com a Literatura e outros veículos de leitura como as Histórias em Quadrinhos; a presença das questões metodológicas voltadas para a percepção de Patrimônio Cultural - tanto material quanto imaterial – implicando no discente a constituição da concepção do seu meio social; o incremento de ferramentas e/ou alternativas didáticas que produzam um diálogo entre o aluno e a sua capacidade criativa - seja em atividades em grupo, extra-sala e afins – estimulando o desenvolvimento intelectual de forma independente e a percepção dos conteúdos de formas mais apurada e singular.

Seguindo estas perspectivas, no que tange as propostas metodológicas associadas ao processo criativo é válido ressaltar a intencionalidade de seu uso, baseado na esfera de sua significação. A criatividade pode ser entendida como uma função psicológica intimamente relacionada ao desenvolvimento cognitivo pessoal, pois permite tanto ao professor, quanto ao aluno desenvolver estratégias e habilidades que promovam significativas experiências através de contatos mais profundos com os fatos e/ou acontecimentos históricos. Portanto, tal utilização no campo educacional se insere como um expressivo recurso intencional e transformador do processo de ensino e aprendizagem, pois amplia as concepções de formação educacional dos discentes, ultrapassando a percepção delimitada das disciplinas em sala de aula. Além de permitir condições mais favoráveis ao pensamento criativo e crítico das várias questões que compõem o nosso cotidiano extra e/ou escolar, constituindo uma forma mais satisfatória para o uso do docente, em relação ao rendimento da turma, a partir do momento que esta experiência é utilizada em sala:

Criatividade no ensino manifesta-se também na natureza das oportunidades de aprendizagem que o professor oferece, em seu frescor e novidade, em sua flexibilidade e variedade, e na profundidade e largura de suas significações. Só com essas oportunidades logra uma criança encontrar as experiências pelas quais poderá conseguir aquela interpenetração do eu e do mundo de objetos e acontecimentos, que contribui para seu crescimento como pessoa. (MIEL, 1976, p. 199)

Porém, sabendo que em sua maioria as escolas públicas brasileiras enfrentam uma série de problemas estruturais – que não garantem uma boa assistência ao corpo discente, sobrecarregando os professores de atividades e responsabilidades que além de ultrapassar sua carga horária, não possibilita um contato mais próximo com os alunos – percebemos que o desejo e a aplicação de tais propostas criativas se tornam inviáveis, sendo justamente nesta perspectiva que a atuação dos bolsistas do PIBID tem se tornado eficaz, produzindo oportunidades de dinamizar ensino básico e ao mesmo tempo preparar a futuro licenciado para o âmbito escolar.

COLABORAÇÃO DO PIBID

O PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, desde sua criação em 2007, surge com a finalidade de fomentar a experiência e valorização do magistério, por estudantes de Cursos de Licenciatura. O programa tem se configurado como um importante mecanismo na busca por uma educação de qualidade para todos, contribuindo tanto para a formação do futuro licenciado, quanto para o professor e aluno da rede básica de ensino, proporcionando uma troca de conhecimentos e experiência entre ambos. Desse modo, o curso de História da Universidade Federal da Paraíba, vem desenvolvendo ações nesse sentido em seu subprojeto que atua desde 2011, estreitando o caminho entre o ensino superior e a educação básica em várias escolas do município de João Pessoa.

Na tentativa de requalificar o sistema educacional brasileiro público e nas diversas discussões acerca da qualidade do licenciado egresso das universidades para

ocupar as salas de aula, o PIBID promove a interação destes dois campos de saber, proporcionando para o bolsista oriundo do ensino superior, que possui pouco ou nenhum contato com o espaço da sala de aula, a experiência de despertar e incentivar a criatividade que a profissão de professor requer. Além disso, com esses primeiros contatos ainda na graduação, o bolsista possui a oportunidade de verificar como é a realidade – para além dos estereótipos positivos ou negativos sobre a educação – e quais são as dificuldades mais pertinentes, que estão presentes no ambiente escolar.

É neste cenário de confronto entre a teoria apreendida no universo acadêmico, e a prática da sala de aula, que se encontram as maiores dificuldades de um recém-formado professor. Neste sentido, o PIBID visa proporcionar ao aluno-bolsista a experiência de lidar com essas problemáticas que envolvem a profissão docente.

Entendendo as dificuldades encontradas ao acompanhar ao longo de seis meses, entre março e setembro de 2015, turmas do ensino médio na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Olivina Olivia Carneiro da Cunha (situada no Centro de João Pessoa), nós bolsistas, pudemos perceber que para o ensino de história ser satisfatório, é necessário dinamizá-lo. Porém, essas questões só puderam ser percebidas devido à experiência proporcionada pelo PIBID, que permite o aluno-bolsista refletir qual será o seu papel diante das adversidades que serão encontradas ao longo de sua jornada de trabalho.

Diante disso, na tentativa de ampliar o conhecimento histórico, mas principalmente de fomentar a criatividade e autonomia dos alunos, que desenvolvemos a metodologia dos Seminários Criativos, que, em linhas gerais, buscava reinventar o modo tradicional de apresentação de seminários – ou da versão deturpada daquilo que se acostumou a chamar de seminário no universo educacional brasileiro –, tornando-o mais agradável, onde o aluno pudesse aprender efetivamente, mais do que apenas decorar, fato ainda bastante presente no âmbito escolar.

Dentro da dificuldade de expressão oral, os seminários se colocam como algo que apresenta um ponto de resistência por parte do alunato, que se sente envergonhado em falar em público - mesmo que este seja reduzido a sua sala de aula - seja em relação a alguma falha cometida, ou a um possível constrangimento por parte de seus colegas.

Este sentimento é fruto da ideia de que apresentar um seminário significa “dar uma aula” ou decorar o maior número de datas possíveis. Em *Ensino de História: fundamentos e métodos*, Circe Bittencourt afirma que a memorização acarretou no alunato o sentimento de que o ensino de história se baseava apenas a essa característica, tornando-se chato e metódico: “Saber história era dominar muitas informações, o que, na prática, significava saber de cor a maior quantidade possível de acontecimentos de uma história nacional”. (BITTENCOURT, 2004, p. 69).

A atuação como bolsistas nos permitiu observar o comportamento dos discentes frente a essa proposta com uma recusa muito ríspida, sendo necessário quebrar este paradigma de “seminário”, e apresentá-lo em sua integridade, onde o próprio discente pudesse criar a sua metodologia para a apresentação e a ampla participação tivesse lugar garantido, em vez da postura passiva comum nesses “arremedos” de seminário. Neste sentido, a participação das bolsistas foi de extrema importância para perceber as dificuldades encontradas pelos estudantes, que por muitas vezes passam despercebidas pelo professor, pelos inúmeros problemas apresentados a sua profissão. É através desse contato que a práxis acontece, no momento que o aluno-bolsista entra em contato com o aluno da rede básica buscando soluções para sanar os problemas encontrados no processo de ensino-aprendizagem, corroborando tanto para seu desenvolvimento profissional, quanto para o aluno e professor da rede básica de ensino.

Entendendo que a relação entre professor-aluno e o processo de ensino-aprendizagem se tornam mais satisfatórios quando a troca de experiência acontece, os seminários criativos são de extrema importância para o processo de construção do conhecimento, pois possibilita que o discente possa pensar outras perspectivas de aprender que a convencionalmente aplicada, e os paradigmas de professor como detentor do conhecimento sejam superados. Piaget⁴ afirma que é através da interação e troca de conhecimento com o meio que o indivíduo está inserido, que se dá o ato de aprender, num intercâmbio de trocas, no nosso caso, entre o professor, bolsista e aluno.

METODOLOGIA APLICADA

Percebendo a relação que o ensino de História a partir da criatividade poderia acarretar ao público da escola em que atuamos, a fim de desenvolver nos alunos a imaginação e autonomia de pensar o seu próprio jeito de aprender história, desenvolvemos durante o 4º bimestre do ano de 2015, nas turmas de ensino médio da escola Olivina Olivia a proposta de apresentar um seminário criativo, que fugisse dos padrões que os mesmos estão acostumados a lidar, onde poderiam desenvolver peças teatrais, paródias, programas de televisão, ou qualquer outro método que despertasse a colaboração de todos os integrantes do grupo. Importante lembrar (bem sumariamente) que o trabalho foi desenvolvido junto com a Professora Ruth Gomes – e com sua permissão – o que valeria indicar que a proposta foi apreciada pela mesma, que a aprovou para os conteúdos do bimestre anteriormente mencionado.

Ao apresentar tal proposta houve certa relutância por parte dos discentes, pois além de se tratar da apresentação de um seminário, a possibilidade de trabalhar com algo que quebrasse a concepção tradicional/habitual era algo novo que despertava certo receio de se não conseguir desenvolver. Para estes desafios, salientar a importância do trabalho em grupo foi essencial para a concretização da metodologia. Pois dessa forma:

Procura-se garantir o predomínio das aulas com os alunos trabalhando mais, exigindo-se deles um estudo independente, uma construção de respostas e soluções por meio de um conjunto de operações mentais, um intercâmbio de opiniões, uma cultura de debate, o ordenamento e a apresentação de ideias resultantes do raciocínio lógico pessoal. (GRANVILLE, 2008, p. 127).

O acompanhamento feito por nós, bolsistas, também foi crucial para que os estudantes conseguissem articular adequadamente todas as ideias, e desenvolver uma metodologia onde todos pudessem perceber a relevância daquilo que eles estavam apresentando não meramente como uma brincadeira (apesar de seu caráter muitas vezes lúdico), mas como uma nova forma de aprender.

Pudemos perceber que através desse trabalho, posteriormente os laços de coletividade ficaram bastante acentuados, pois a apresentação iria envolver todos do grupo, e não se centralizaria apenas em um integrante ou naquele que mais “decorasse” o assunto. Somente com a ajuda de todos do grupo se poderia ter uma boa apresentação, no caso, por exemplo, de uma peça, programa de TV e outros.

Para os mais variados temas, surgiram as mais distintas concepções de como abordá-los. No caso de assuntos do 1º ano como Renascimento, dois grupos se destacaram em seus seminários criativos, um apresentou um programa de TV de seu

⁴ Retirado de NUNES, Ana Ignes Belém Lima; SILVEIRA, Rosemary do Nascimento. A epistemologia genética de Jean Piaget e a aprendizagem. Psicologia da aprendizagem: processos, teoria e contextos. Brasília. Líber Livro, 2009, p. 81-95.

tempo, adaptado ao tema *Encontro com os artistas do Renascimento*, e o outro, um jogo de perguntas e respostas correspondentes ao conteúdo proposto. Percebemos que a junção do ensino de História com a criatividade, estimulou os alunos a pensarem como este tema seria abordado no século XXI, utilizando os recursos tecnológicos que possuímos hoje, interligando o presente e o passado, o saber e a criatividade do próprio discente.

Em outras turmas, metodologias como a produção de vídeos em lugares fora do ambiente escolar, ao entrevistar outros professores demonstram que os seminários criativos, levaram os alunos a buscarem diferentes contextos, deixando de ser um trabalho meramente de sala de aula, para ser uma pesquisa de campo, onde eles foram levados a buscar outras concepções sobre o assunto.

O resultado dessas apresentações foi à satisfação de poder elaborar um trabalho que não reproduzisse a perspectiva de monotonia ou obrigação. As turmas tanto de primeiro ano, como segundo e terceiro, cada qual com suas particularidades e desenvolvimentos conseguiram transformar a aula de História em diferentes ações, que na mesma medida nos levava a diferentes espaços. O reconhecimento por parte dos alunos em utilizar essa metodologia pode ser reconhecido no engajamento das apresentações e elaborações do trabalho, sendo notório o gosto em deixá-los livres para escolher qual a melhor forma de aprender.

Para melhor demonstrar o sentimento dos alunos em relação aos seminários criativos, solicitamos por parte de dois alunos - um menino e uma menina - a elaboração de textos sobre a experiência de trabalhar com algo inovador para eles. Segue respectivamente os textos abaixo:

*“O essencial é ter criatividade em um cotidiano monótono”*⁵

Quando é apresentada a proposta de um trabalho com a apresentação criativa (onde você tem a liberdade de criar), todos se perguntam como fazer e como despertar a atenção do público para com o conteúdo apresentado.

É de extrema importância o aluno mostrar suas intenções juntamente com a capacidade em sala de aula e sair do padrão de seminário que dois seguram um cartaz em enquanto outros apresentam - vamos quebrar padrões! O trabalho apresentado aos colegas de turma vai mais além de receber uma nota através do seu feito, é a possibilidade de comunicação didática de aluno com aluno. As apresentações em público são formas de você despertar o vosso lado ousado e formar opiniões em massa.

A sala de aula é uma porta de entrada para o conhecimento didático e pessoal, embora o lado dos conhecimentos de números, palavras e história seja avaliado podemos criar novas formas baseadas em nosso contexto para a comunicação pessoa com pessoa.

*“Renascença Escolar”*⁶

⁵ Texto desenvolvido pelo aluno Ithalo Buriti, estudante na época da presente metodologia do 1º ano turma E da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Olivina Olívia Carneiro da Cunha.

⁶ Texto desenvolvido pela aluna Victória Cabral, estudante na época da presente metodologia do 1º ano turma B da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Olivina Olívia Carneiro da Cunha.

Minha reclamação sobre o sistema de ensino adotado no Brasil está no fato de nos fazer decorar coisas. Repetimos palavras, conceitos e citações que não fazem sentido na nossa cabeça apenas com o intuito de gabaritar a prova.

Em um local de aprendizado, é muito importante que o discente se identifique com o que está estudando. Comigo, aconteceu poucas vezes até agora. Uma dessas situações foi apresentar um “seminário criativo” sobre o Renascimento. Os trabalhos têm um padrão: Capa, contracapa, sumário, introdução, desenvolvimento, conclusão, normas da ABNT. Com esse foi diferente. A base dele era a minha criatividade. Eu quis aprender sobre Renascimento da mesma forma que queria ver o novo episódio da minha série favorita. Juntei informações, curiosidades, imagens e teorias da conspiração. Tal metodologia proporcionou-me sair da minha zona de conforto. Veio, então, a hora de montar a apresentação. Como agrupar tantas informações interessantes e importantes em algo que não se tornasse cansativo? Eu também não sabia. Depois de ideias descartadas e conversas com os bolsistas, veio o formato perfeito para mim, que sintetizava todo o conhecimento adquirido e resumia de forma ampla o que foi esse movimento.

Se expor além do padrão de apresentação na frente dos colegas é importante. Eu me preparei melhor e não precisei montar cada palavra que ia dizer, simplesmente falei o que tinha aprendido nesse tempo. Estava na frente de toda a turma e não morri de vergonha por isso, pelo contrário, gostei de estar lá. Para mim, foi uma nova existência como aluna; uma renascença no ambiente escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da breve exposição, podemos perceber que dentro do universo escolar, medidas alternativas que venham corroborar no processo de ensino e aprendizagem - como a metodologia exposta no presente artigo -, seja de forma direta ou indireta, implicam na interação dos conteúdos históricos com o contexto sócio-cultural do aluno/aluna permitindo o desenvolvimento intelectual independente do mesmo e a percepção do conhecimento como um instrumento imprescindível para a formação humana. Todavia, esse despertar teórico-prático do licenciado em relação ao meio educacional e novas abordagens do ensino em sala de aula reflete diretamente na formação a qual o mesmo foi submetido. A atuação de programas como o PIBID no ensino básico brasileiro pode permitir o desenvolvimento não apenas de novas abordagens metodológicas voltadas para o ensino de História, ou de outras disciplinas; mas, inclusive o aprimoramento do futuro docente devido a uma vivência estreitamente estabelecida com a realidade do ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe (org.). Ensino de História: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2005.

COLL, César e outros. O construtivismo na sala de aula. São Paulo: Ática, 2006.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 29ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GRANVILLE, Maria Antonia (org.). Sala de aula: ensino e aprendizagem. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

GREGÓRIO, Merita Paixão de Freitas; FERREIRA, Patrícia da Silva. Construtivismo e aprendizagem: uma reflexão sobre o trabalho docente. *Educação*, Batatais, v. 2, n. 1, p. 51-66, junho, 2012.

MIEL, Alice (coord.). *Criatividade do ensino*. Trad. do original norteamericano de 1961, por A. ARRUDA, com revisão de J. REIS. São Paulo: Ibrasa, 1973.

NEITZEL, Adair de Aguiar; FERREIRA, Valéria Silva; Costa, Denise. Os impactos do PIBID nas licenciaturas e na Educação Básica. *Educ.*, Caxias do Sul, v. 18, n. especial, 2013, p. 98-121.

NEVES-PEREIRA, Mônica Souza. *O ensino criativo: uma forma divertida de aprender*. Integração, 1996.

NUNES, Ana Ignez Belém Lima; SILVEIRA, Rosemary do nascimento. *Psicologia da aprendizagem: processos, teorias e contextos*. Brasília: Liber livro. 2009.